



DIVERSIDADE DE SEMENTES CRIOULAS E NATIVAS: UM MARCO DA RESISTÊNCIA CAMPESINA NAS FESTAS CAMPONESAS, EM RONDÔNIA

Oliveira, Érica Anne dos Santos¹, Bandeira, Flávia Costa², Souza, Josiane Santos de³

¹Universidade Estadual Paulista (UNESP), Ji-Paraná (RO), Brasil, sanne4348@gmail.com

²Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Ji-Paraná (RO), Brasil, flaviaagroecologia@gmail.com

³Fundação Oswaldo Cruz, Escola nacional de saúde pública, Ariquemes (RO), Brasil, josianesantossouza@gmail.com

Resumo: Este trabalho analisa a troca de sementes crioulas durante a 8ª Festa Camponesa, em Rondônia, como prática educativa, cultural e política essencial à agroecologia. O objetivo é compreender como essa troca fortalece a soberania alimentar, a biodiversidade e os vínculos territoriais do campesinato. Justifica-se por evidenciar práticas tradicionais que promovem a permanência camponesa e a soberania alimentar e cultural. A pesquisa adota a abordagem da pesquisa-ação, com metodologia baseada na observação participante, registros fotográficos, entrevistas com camponeses coordenadores, sistematização das falas de guardiões e guardiãs de sementes, análise de conteúdos jornalísticos e registro sistemático das atividades realizadas. Os resultados apontam que a troca contribui para o resgate de variedades ameaçadas, articula o campesinato rondoniense e denuncia os impactos dos transgênicos.

Palavras-chave: festa camponesa; Via Campesina; agroecologia; movimentos sociais; campesinato rondoniense

INTRODUÇÃO

A Festa Camponesa, evento promovido pela Via Campesina Rondônia, é um importante espaço cultural, político e social dos movimentos camponeses na região



amazônica. Criada em 2008, com o objetivo de fortalecer a luta camponesa e a resistência ao avanço do agronegócio e do capital sobre os territórios rurais. Desde então, o evento se consolidou como um marco da expressão e valorização da cultura camponesa, promovendo o consumo de produtos agroecológicos e a solidariedade entre o campo e a cidade.

As edições seguintes mantiveram essa perspectiva de resistência e construção de alternativas ao modelo do agronegócio. A II edição ocorreu em agosto de 2009; a III em 2011; a IV em 2013; a V em 2016 — todas realizadas em Ouro Preto do Oeste. Já a VI edição ocorreu no ano de 2019, a VII edição em julho de 2023 e a mais recente, VIII edição, aconteceu entre os dias 27 e 29 de junho de 2025. Essas três últimas edições ocorreram no município de Jaru.

Entre os momentos mais importantes da Festa Camponesa está a Troca de Sementes Crioulas, considerada um ato simbólico e estratégico na luta pela soberania genética e alimentar. Essa prática integra a estratégia da Via Campesina e representa a autonomia das famílias camponesas frente às ameaças das grandes corporações, que impõem sementes híbridas e transgênicas. Ao trocar sementes nativas e crioulas, os camponeses reafirmam o direito de produzir, guardar, multiplicar e compartilhar seus próprios recursos genéticos, reforçando a continuidade de práticas agrícolas ancestrais e sustentáveis.

Outro ato que merece destaque na programação da Festa é o Café Camponês, momento em que famílias camponesas partilha alimentos saudáveis e diversificados, oriundos da agricultura familiar. Ainda se configura como um espaço de formação e debate. São promovidas atividades como feiras agroecológicas, seminários, oficinas temáticas e apresentações culturais, que discutem temas como agroecologia, justiça social, meio ambiente e os desafios enfrentados pelos povos do campo.

A Via Campesina Rondônia, é composto pelas seguintes organizações: o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e o Instituto Padre Ezequiel Ramin (IPER).

Este trabalho tem como objetivo refletir e analisar a importância da troca de sementes crioulas como prática central para o fortalecimento da agroecologia, da soberania alimentar e da preservação da agrobiodiversidade nos territórios camponeses.

Durante o ato da Troca de Sementes, realizada na 8ª edição da Festa Camponesa, foram identificadas aproximadamente 300 variedades de sementes crioulas. Um dos grandes destaques foi o feijão carioca, cultivado e melhorado por mais de 40 anos por uma família camponesa de Rondônia — verdadeiro símbolo de resistência e preservação (MST, 2025).



Figura 1. Troca de sementes crioulas na 8ª edição, Jarú (RO)

O processo de preparo para a troca de sementes inicia-se com antecedência. Desde a edição anterior da Festa Camponesa, as famílias camponesas realizam, nas suas propriedades, em seus próprios lotes, o plantio, a seleção e o armazenamento das sementes crioulas. Nos meses que antecedem a nova edição, intensificam-se os cuidados e as decisões sobre quais sementes serão levadas para a festa. Esse trabalho é desenvolvido e sistematizado pelo Coletivo de Produção da Via Campesina

Rondônia, que atua de forma articulada na catalogação das sementes, mapeamento e identificação de variedades, inclusive aquelas consideradas raras ou em risco de extinção.

Mais de 500 pessoas participaram diretamente desse processo coletivo, que não só envolve a troca de sementes, mas também o cuidado com o cultivo, a seleção criteriosa, a preservação e o transporte das sementes até o espaço da festa. Trata-se de um esforço organizado e colaborativo, que reafirma o papel das comunidades tradicionais na manutenção da agrobiodiversidade e da soberania alimentar em seus territórios, em Rondônia.



Figura 2. Troca de sementes crioulas na 8ª edição, Jaru (RO)

Sementes crioulas são variedades cultivadas e preservadas por agricultores familiares, povos indígenas e comunidades tradicionais ao longo de gerações, elas são adaptadas as condições locais como solo, manejos, livres de transgênicos e de patentes corporativas, que mantem uma grande variabilidade genética, contribuindo para maior resistência a pragas, doenças e variações climáticas (Coradin, 2025).



A prática de cultivo e preservação das sementes crioulas vai além da simples produção de alimentos: ela expressa uma relação agroecológica com a terra, com os saberes populares e com a biodiversidade. Ao cultivar sementes crioulas, as famílias camponesas promovem sistemas agrícolas sustentáveis, adaptados aos territórios e às mudanças climáticas. Como afirma Altieri (2012, p.105),

"a proposta agroecológica enfatiza agroecossistemas complexos, nos quais as interações ecológicas e os sinergismos entre seus componentes biológicos promovem os mecanismos para que os próprios sistemas subsidiem a fertilidade do solo, sua produtividade e a sanidade dos cultivos".

Partindo deste conhecimento tradicional milenar das sementes crioulas, é falar da base da segurança alimentar e nutricional como parte da cultura e modo de vida camponesa destes povos, sua permanência nos territórios. Portanto, que visa

"A realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis" (Keppele; Segall-Corrêa, 2011, p. 188).

O estudo da Festa Camponesa revela importantes contribuições nas dimensões científica, acadêmica e cultural. Destacam-se, nesse contexto, ações voltadas à preservação da biodiversidade, à identificação e catalogação das variedades de sementes, bem como à valorização dos saberes populares. Esses elementos fortalecem a cultura e a identidade camponesa, ao mesmo tempo em que afirmam o direito às sementes como expressão da soberania alimentar dos povos.

METODOLOGIA

A pesquisa adota a abordagem da pesquisa-ação (Thiollent, 1986), com metodologia baseada na observação direta, escuta ativa de camponeses coordenadores, sistematização das falas de guardiões e guardiãs de sementes, e no registro sistemático das atividades realizadas durante a 8ª edição da Festa Camponesa, com ênfase na celebração da Troca de Sementes Crioulas. Foram considerados os dados obtidos por meio da participação em campo, anotações, além da análise de documentos e conteúdos produzidos e divulgados pelo Coletivo de Comunicação da Via Campesina Rondônia.



Também foram utilizadas como fontes de apoio matérias jornalísticas, publicações e sistematizações de experiências veiculadas em sites institucionais, como o do IPER, e em páginas das organizações envolvidas, como o MPA e o MST. A triangulação dessas fontes permitiu uma análise mais ampla do processo de preparação, organização e significado político-cultural da troca de sementes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A festa camponesa da Via campesina em Rondônia é o momento de celebração cultural e a culminação da diversidade, onde os camponeses/as realizam a troca dos saberes e sabores acumulados ao longo do tempo, como garantia de soberania genética e alimentar no território. Para além da quantidade de variedades trocadas e da expressiva participação popular, a experiência da troca de sementes crioulas na 8ª Festa Camponesa reforça a força simbólica, política e ancestral dessa prática. Uma ação para resgate de variedades ameaçadas; fortalecimento da agrobiodiversidade; articulação política entre comunidades camponesas; resistência e denúncia dos impactos negativos das sementes híbridas e transgênicas.

Neste gesto de troca, reencontram-se histórias, memórias e esperanças que atravessam gerações. Se espera que este trabalho, venha contribuir na visibilização deste ato de identificação das variedades que vem sendo preservada pelos camponeses de Rondônia, no processo de monitoramento, multiplicação e conservação das sementes crioulas e nativas em suas unidades produtivas.

A festa tem fortalecido os vínculos com os territórios reforçando a identidade camponesa, ampliado a solidariedade e resistência. Uma prática educativa viva e coletiva, que valoriza o cultivo, o resgate e a partilha das sementes crioulas. Como destacam Maronhas, Silva e Görden (2012, p. 686-687),

“o papel das guardiãs e guardiões de sementes é essencial para a manutenção da agrobiodiversidade e da vida nos territórios. Quando esses guardiões deixam de existir, o risco de erosão genética e a entrada de sementes híbridas e transgênicas tornam-se ameaças concretas aos modos de vida e à soberania dos povos”.

Diante de uma conjuntura de avanço do modelo do agronegócio, com a implementação de monocultivos, observa-se a redução da plantação de alimentos essenciais que compõem a dieta alimentar da população brasileira. André Antunes,



ao analisar o estudo Projeções do Agronegócio 2022/23, do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), aponta que “estima-se que o país vai perder, até 2033, 980 mil hectares de área plantada com arroz, 994 mil hectares de área plantada de feijão e 220 mil hectares de área plantada com mandioca” (Antunes, 2025). Em contrapartida, observa-se o aumento de áreas destinadas ao milho, soja e cana-de-açúcar.

Esse cenário projeta o aprofundamento da perda de biodiversidade, alinhando-se à análise de Shiva (2003, p. 171) que afirma “acabar com a diversidade é acabar com as fontes de subsistência das pessoas”, o que resulta de acordo com ela, “uma visão de desenvolvimento e crescimento baseada na uniformidade criada pelo controle centralizado”. Tal lógica elimina a pluralidade de práticas e saberes vinculados aos modos de vida das comunidades tradicionais, povos indígenas e camponeses.

Ainda segundo Antunes (2025), “uma consequência desse processo é que dietas anteriormente diversificadas se tornaram cada vez mais homogêneas, sobretudo no Sul global”. É nesse contexto que a Festa Camponesa cumpre um papel estratégico de enfrentamento, pois constitui um espaço onde pessoas de diferentes territórios preparam centenas de variedades de mudas e sementes crioulas para serem levadas ao evento, com o objetivo de garantir que tais variedades sejam expostas, trocadas e multiplicadas por um número cada vez maior de guardiões e guardiãs.

Recomenda-se, a partir desses resultados, a criação de bancos comunitários de sementes, políticas de proteção aos saberes tradicionais dos povos do campo, das águas, das florestas, indígenas e quilombolas, e incentivos para o cultivo de variedades nativas e locais adaptadas às condições climáticas. Bem como feiras e intercâmbios que unam formação técnica e política sobre agrobiodiversidade.



Figura 3. Seleção das sementes crioulas na 8ª edição da Festa Camponesa, 2025.



Figura 4. Seleção das sementes crioulas na 8ª festa camponesa, 2025.

CONCLUSÃO

Diante das diversas crises que o mundo enfrenta atualmente, torna-se urgente repensar o modelo de desenvolvimento predominante, no qual todas as formas de vida no planeta encontram-se ameaçadas. A contraposição à lógica do agronegócio, baseada no monocultivo e no aprofundamento das desigualdades, se dá por meio do controle popular dos territórios e da defesa dos bens comuns da natureza, orientada pelo modelo produtivo da agroecologia. Como afirmou Vandana Shiva, “a extinção dos meios de subsistência das pessoas está intimamente ligada à erosão da biodiversidade” (Shiva, 2016, p. 174). Assim, o desaparecimento da diversidade está diretamente vinculado à destruição dos modos de vida camponeses, que historicamente cultivam, reproduzem e compartilham a biodiversidade.

Na programação da Festa Camponesa, as sementes crioulas se afirmam como símbolo dos povos do campo, das águas e da floresta. São tecnicamente selecionadas, guardadas e compartilhadas para garantir sua reprodução, cumprindo



função essencial em sistemas agrícolas diversos e adaptados às especificidades de cada território, atravessando dimensões culturais, sociais e econômicas. É nos quintais, na roça, nos espaços de troca e na autonomia de quem cultiva que as sementes se transformam em instrumento de (re)existência, sustentado na solidariedade, na diversidade e na soberania alimentar — elementos fundamentais para a vida camponesa e para o futuro dos povos da terra.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, André. Saúde e agroecologia: caminhos que convergem. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fiocruz, 7 abr. 2025. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/saude-e-agroecologia-caminhos-que-convergem>. Acesso em: 5 ago. 2025.

CORADIN, Cristiane. Saúde e Agroecologia caminhos que convergem. **Revista POLI.** XVII 99, ano 2025.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável/** Miguel Altieri, --3.ed.rev.ampl. – São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA 2012.

FESTA CAMPONESA. **Instagram @festacamponesa.** Disponível em: <https://www.instagram.com/festacamponesa/>. Acesso em 25 jul. 2025.

IPER AMAZÔNIA. **A troca de sementes fortalece soberania alimentar e preserva a biodiversidade na 8ª Festa Camponesa.** Disponível em: <https://iper-amazonia.com.br/noticias/a-troca-de-sementes-fortalece-soberania-alimentar-e-preserva-a-biodiversidade-na-8a-festa-camponesa/>. Acesso em 03 de ago. 2025.

KEPPLE, Anne Walleser; SEGALL-CORRÊA, Ana Maria. **Conceituando e medindo segurança alimentar e nutricional.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 16, p. 187-199, 2011.

MARONHAS, Maîtê Edite Sousa; SILVA, Ana Cláudia de Lima; GÖRGEN, Frei Sérgio. Sementes. In: CALDART, Isabel Brasil Pereira; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO,



Gaudêncio (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. p. 697.

MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES. Sementes crioulas: produção saudável, orgânica e segura. Disponível em: <https://mpabrazil.org.br/noticias/sementes-crioulas-producao-saudavel-organica-e-segura/>. Acesso em: 01 ago. 2025.

MST. **“Continuamos existindo”:** Festa Camponesa é símbolo de resistência em Rondônia. Disponível em: <https://mst.org.br/2025/07/04/continuamos-existindo-festa-camponesa-e-simbolo-de-resistencia-em-rondonia/>. Acesso em: 01 ago. 2025.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.